

# Poltergeist

## O dilema da parapsicologia

Um estudo crítico do assim chamado  
Fenômeno de Psicocinésia Recorrente Espontânea (RSPK)

© 2013 – Conhecimento Editorial Ltda

# Poltergeist

O dilema da parapsicologia

Carlos Antonio Fragoço Guimarães  
Carlos Alberto Tinoco

Todos os direitos desta edição  
reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques  
CEP 13485-150 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,  
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,  
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de  
gravação – sem permissão, por escrito, do Editor.

**Revisão:** Mariléa de Castro  
**Projeto Gráfico:** Sérgio Carvalho  
**Ilustração da Capa:** Banco de imagens

ISBN 85-7618-284-9 – 1ª Edição - 2013

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
**CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA**  
Fone: 19 3451-5440  
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Guimarães, Carlos Antonio Fragoço  
Poltergeist, O dilema da parapsicologia : um estudo  
crítico do assim chamado fenômeno de psicociné-  
sia recorrente espontânea (RSPK)/ Carlos Antonio  
Fragoso Guimarães, Carlos Alberto Tinoco – Limeira,  
SP : Editora do Conhecimento, 2013.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-7618-284-9

1. Poltergeist - Estudo de casos 2. Poltergeist - História  
I. Tinoco, Carlos Alberto. II. Título

13-04833

CDD – 133.4

Índices para catálogo sistemático:  
1. Poltergeist : Fenômenos paranormais : 133.4

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Carlos Alberto Tinoco

# Poltergeist

## O dilema da parapsicologia

Um estudo crítico do assim chamado  
Fenômeno de Psicocinésia Recorrente Espontânea  
(RSPK)

1ª edição  
2013





Ao professor Hernani Guimarães Andrade, por seu exemplo de sabedoria, paciência, labor e discernimento, dedicamos, *in memoriam*, este modesto trabalho

Os autores



Somos muito gratos ao apoio e ajuda das seguintes pessoas, que possibilitaram a concretização deste trabalho:

Dr. Jáder dos Reis Sampaio, professor do Departamento de Psicologia da UFMG, que nos permitiu o uso de seu artigo sobre as Irmãs Fox e que tão gentilmente leu os primeiros esboços deste livro, apontando falhas e pontos a serem melhorados, nos presenteando gentilmente com uma notável introdução.

Louise Imperiano Dantas, que contribuiu com os gráficos sobre a teoria da estrutura mental de Jung e sobre o modelo do esquema da organização mental de Andrade.

Emília Aparecida dos Santos Coutinho e Eduardo Carvalho Monteiro, que incentivaram a feitura deste livro desde nossas primeiras discussões, em 2004.





# Sumário

APRESENTAÇÃO – RSPK – ENTRE A PSICOLOGIA E A FÍSICA.....	13
PREFÁCIO .....	18
<b>PRIMEIRA PARTE – PROBLEMATIZAÇÃO E IMPLICAÇÕES DO FENÔMENO <i>POLTERGEIST</i></b>	
CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DO FENÔMENO <i>POLTERGEIST</i> .....	27
<ul style="list-style-type: none"><li>• Uma estranha e rara ocorrência • O fenômeno <i>Poltergeist</i> • O que causa um evento do tipo <i>Poltergeist</i>? • Origem e contextualização do termo <i>Poltergeist</i> • Posições díspares ante a conotação do termo <i>Poltergeist</i> • Nossa leitura acerca das causas do fenômeno • O pensar sobre o problema • O pioneirismo do século XIX • Resumo do Capítulo</li></ul>	
CAPÍTULO II – O <i>POLTERGEIST</i> E O INCONSCIENTE .....	59
<ul style="list-style-type: none"><li>• Psicocinesia e suas relações com os <i>Poltergeists</i> • Teorias sobre o inconsciente • O inconsciente freudiano • O modelo psíquico junguiano • O Self Subliminal de Frederick H. W. Myers • O inconsciente anímico • A natureza inconsciente da função psi • Conclusão</li></ul>	
CAPÍTULO III – O FENÔMENO.....	83
<ul style="list-style-type: none"><li>• Como age um <i>Poltergeist</i> • Amplitude dos eventos <i>Poltergeists</i> • <i>Poltergeists</i> e assombrações • A preferência do <i>Poltergeist</i> por pessoas jovens • Características médias das pessoas que se vinculam a um <i>Poltergeist</i> • A agressividade dos <i>Poltergeists</i> • Ecloração do <i>Poltergeist</i></li></ul>	

CAPÍTULO IV – SELEÇÃO DE CASOS HISTÓRICOS.....	97
CAPÍTULO V – DA DÚVIDA LEGÍTIMA AO PSEUDOCETICISMO .....	108
• O discurso da resistência • A questão da aceitação das evidências e o problema da prova • A percepção dos pseudocéticos sobre os <i>Poltergeists</i>	
CAPÍTULO VI – O RESGATE DO FENÔMENO .....	124
• O estreito caminho entre a verdade e a mentira • Breve histórico das pesquisas sobre <i>Poltergeist</i> • Fenômeno resgatado	
CAPÍTULO VII – A HISTÓRIA DA BRUXA DOS BELL.....	137
• Introdução • Resumo dos eventos • Considerações gerais • Origem e contextualização do termo <i>Poltergeist</i> • Posições díspares ante a conotação do termo <i>Poltergeist</i> • Nossa leitura acerca das causas do fenômeno • O pensar sobre o problema • O pioneirismo do século XIX • Resumo do Capítulo	
CAPÍTULO VIII – O CONTROVERTIDO CASO HYDESVILLE .....	152
• Introdução • Resumo dos eventos • As irmãs Fox, Arthur Conan Doyle e o espiritismo brasileiro • As comissões de Rochester • A crítica da Revista Veja • Fontes bibliográficas • Considerações gerais	
CAPÍTULO IX – PESQUISA PSÍQUICA, LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE.....	169
• Frank Podmore e as raízes da Teoria Semiológica dos <i>Poltergeists</i> • <i>Poltergeists</i> e Psicanálise • O caso Eleonore Zugun • A casa mais assombrada da Inglaterra • Um <i>Poltergeist</i> sem um epicentro • Nossa leitura acerca das causas do fenômeno • O pensar sobre o problema • O pioneirismo do século XIX • Resumo do Capítulo	
CAPÍTULO X – CONDICIONANDO O OLHAR: OS MODELOS TEÓRICOS E A PERCEPÇÃO DO REAL.....	195
• Os paradigmas • Bases sociológicas da pesquisa científica • A influência do mecanicismo nas pesquisas psíquicas atuais • É o método quantitativo-analítico o único válido para a aceitação da pesquisa psi? Que significados elas podem ter?	
CAPÍTULO XI – CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS TIPOS DE <i>POLTERGEIST</i> .....	212
• Descrição da ação dos <i>Poltergeists</i> • O caso Leonice Fitz	

CAPÍTULO XII – QUADRO GERAL DAS HIPÓTESES EXPLICATIVAS MAIS ACEITAS SOBRE AS ORIGENS DOS POLTERGEISTS. DISCUSSÃO CRÍTICA DE SUAS IMPLICAÇÕES. EXEMPLOS DE CASOS. ....	233
---	-----

- O *Poltergeist* batador de Verviers • O *Poltergeist* das garrafas • A Entidade • O *Poltergeist* de San Pedro • Itens para a proposição de modelo de análise de casos de *Poltergeists* que podem discriminar agentes vivos de agentes mortos • O *Poltergeist* de Tomika-cho • Conclusões

## SEGUNDA PARTE – CASOS DE CAMPO PESQUISADOS NO BRASIL

CAPÍTULO I – O <i>POLTERGEIST</i> DA ESTRADA NOVA .....	291
---	-----

- Introdução • Metodologia • Histórico geral • O grupo humano • O *Poltergeist* • Determinação do agente psi (ou epicentro) • O problema da energia do *Poltergeist* • Temperaturas de ignição espontânea no ar • Conclusões

CAPÍTULO II – O <i>POLTERGEIST</i> DA MORADA DO SOL.....	308
--	-----

- Introdução • Dados gerais • Metodologia • O grupo humano • O agente psi • Trajetórias incomuns descritas pelas pedras • A intencionalidade do *Poltergeist* • Agressividade do *Poltergeist* • Conclusões

BIBLIOGRAFIA .....	327
--------------------	-----

- Introdução • Resumo dos eventos • Considerações gerais • Origem e contextualização do termo *Poltergeist* • Posições díspares ante a conotação do termo *Poltergeist* • Nossa leitura acerca das causas do fenômeno • O pensar sobre o problema • O pioneirismo do século XIX • Resumo do Capítulo

APÊNDICE – PROJETO DE CENTRAL DE PESQUISA PARA RSPK (PCPRSPK) ....	331
--	-----

- Sumário • Introdução • Equipe • Objetivos • Justificativa • Pessoal envolvido no projeto (recursos humanos) • Recursos do projeto • Metodologia operacional • Delimitação geográfica • Custos • Conclusões

ANEXOS – O <i>POLTERGEIST</i> DA ESTRADA NOVA.....	340
--	-----



## APRESENTAÇÃO

### RSPK – Entre a psicologia e a física

Ainda me recordo das narrativas que meu pai fazia aos mais diferentes públicos, incluso nas sociedades amadoras de parapsicologia, em Minas Gerais, dos fenômenos de *Poltergeist* em uma fazenda mineira, na região da cidade de Curvelo.

Foram relatadas telhas quebradas por pedras, copos de vidro que atravessavam as portas fechadas da cristaleira e se espatifavam no chão; garrafas que eram caprichosamente colocadas nas frestas das telhas, presas pelo gargalo, sendo impossível retirá-las sem quebrá-las; agressões físicas feitas em pessoas e animais com mãos invisíveis que deixavam marcas nos corpos; luzes que surgiam no negrume do cerrado que se transformavam em velas colocadas sobre latas velhas seguras por uma mão que flutuava no ar, entre outros. Um cético reputaria tais narrativas à condição de historietas, anedotas, frutos da imaginação das pessoas, que com o tempo vão ganhando corpo e são aumentadas pelo efeito da transmissão oral da população local. Um espiritualista atribuiria a ação destas anomalias a seres extracorpóreos, fossem espíritos humanos ou entidades de outra natureza; um naturalista diria que os relatos serão exageros de efeitos físicos comuns ou, quando muito, de outros pouco entendidos pelo homem simples, e procuraria causas naturais para construir seu referencial de explicação. Contudo, este caso de “assombração” ou “infestação” (como o denominaria Schrenck-Notizing) na fazenda perto de Curvelo, atraiu algumas autoridades locais, como o padre e mais outras

pessoas que eram conhecidas por suas relações com o “oculto”, mas infelizmente a história nunca foi devidamente documentada e estudada.

A dúvida permanece: estes fenômenos existem ou são apenas frutos da imaginação de atores sociais?

Esta questão será intensamente discutida por dois professores de áreas distintas, dois Carlos. O primeiro é engenheiro, professor de física e que pesquisou durante anos, conjuntamente com o engenheiro Hernani G. Andrade, alegações de *Poltergeists* e/ou assombrações. O segundo é psicólogo, estudioso dos trabalhos de Carl Gustav Jung, o mesmo autor que embarçou Freud com uma demonstração de ruídos espontâneos em um de seus móveis, duas vezes seguidas, como se lê no curioso “Memórias, Sonhos e Reflexões”. Esta união é interessante, posto que possibilita algum diálogo entre duas tradições teóricas muito distintas, ambas envolvidas em formulações teóricas que se fazem para tentar explicar os fenômenos.

Faz mais de cem anos que cientistas de diferentes formações, oriundos de diversas áreas de conhecimento, têm estudado fenômenos que eram descartados, considerados credíes *ex-ante-facto* por seu caráter anômalo e excepcional. Carlos Antonio Guimarães, o psicólogo, nos chama a atenção para como o nosso espírito de época nos dirige e condiciona o olhar e a percepção de nossa mente. Pessoalmente eu já li dezenas de artigos de jornal nos quais os repórteres filmam psicopirogenia; experimentos de laboratório em que objetos se movem e se entrelaçam. Mas estes fatos, após uma busca de opiniões entre os pretensos especialistas, caem no esquecimento, na inconclusão, na controvérsia e no abate das pesquisas que parecem ir além dos limites do paradigma dominante e que, por isso, quase sempre ficam perdidas como outrora também perdidas ficaram tantas ocorrências na História, sobreviventes como vestígios de narrativas antigas.

Nos países da Europa moderna, marcada pela ascensão da filosofia e da racionalidade, as histórias e relatos de assombrações e de lugares onde objetos se movem sem causas naturais aparentes continuam presentes e são respeitadas, ainda que nem sempre aceitas.

Durante todos estes anos, em que pese a discussão calorosa

sobre as possíveis explicações dos fenômenos de *Poltergeist* ou *RSPK*, eles têm sido continuamente relatados por diferentes observadores, de diversas crenças, em diferentes lugares do mundo.

As pesquisas de Joseph Banks Rhine, ao tentar ajustar parte do fenômeno dentro do enquadramento do método experimental, como bem mostram os autores, obteve resultados muito modestos ao olhar do grande público. Como não há experimento sem hipóteses subjacentes, Rhine “apostou” na possibilidade da existência de uma força, capaz de alterar os cursos de lançamentos de dados balanceados, durante experimentos de teste da chamada *psicocinesia*, ou seja, da capacidade da mente influenciar o movimento da matéria. Pode não parecer, mas esta não é uma hipótese muito modesta. Muitos autores de então descreviam fenômenos que contrariavam algumas das aceitas leis da física. Muitos deles pareciam associados a uma pessoa ou lugar, alguns deles ligados a pessoas que transformavam esta associação em um meio de vida (e muitas destas pessoas, por causa de seu interesse comercial, acabariam por empregar truques e embustes para assegurar a ocorrência dos mesmos). Temos então inúmeras questões diversas: os fenômenos existem? São causados por alguma espécie de força? Esta força estaria associada à presença de uma pessoa ou poderia ser uma espécie de campo independente a se manifestar independentemente das pessoas? Esta “força” é passível de ser instrumentalizada e medida, ou canalizada a partir da consciência desta pessoa, ou independe dela? Os fenômenos observados são algum tipo de fraude?

Enquanto essas perguntas não são convenientemente respondidas em uma teoria coerente que possa abranger todos os casos, os estudos observacionais têm seu valor. Eles têm o papel de indicar à comunidade científica que eles têm sido encontrados em todos os lugares do mundo, seja lá o que forem. Eles possibilitam o surgimento de novas categorias de análise, dimensões ainda não cobertas pelas teorias existentes, como ocorre com todo estudo de caso bem feito. Desta forma, as centenas de trabalhos produzidos pelos pesquisadores do século XIX voltam a ter valor nos dias de hoje. Finda a “revolução rhineana”, muitos parapsicólogos estão dispostos a empregar outros métodos

científicos e outros referenciais epistemológicos para conhecer e compreender melhor certos fenômenos que não são facilmente reduzidos à razão das chances da caída de uma face de dado.

Este é o projeto que o leitor encontrará no presente livro.

No primeiro capítulo se discute o problema do fenômeno *Poltergeist* e o significado dos conceitos mais comuns empregados pelos pesquisadores da área *Psi*. Nele são introduzidos os principais pontos que serão aprofundados em todo o livro.

O segundo capítulo apresenta uma discussão fundamental sobre o conceito psicanalítico de *inconsciente* utilizado por alguns teóricos na explicação dos fenômenos paranormais.

No terceiro capítulo o fenômeno é apresentado em suas características gerais.

O quarto capítulo traz relatos de alguns episódios históricos de *Poltergeists* que foram submetidos a algum tipo de investigação por autoridades judiciais.

O quinto capítulo é uma espécie de interlúdio onde se é comentada a questão do ceticismo e pseudoceticismo de alguns cientistas com relação aos fenômenos ditos paranormais.

O sexto capítulo trata da forma como os acadêmicos se voltaram para o estudo e reconhecimento do fenômeno.

Os capítulos VII e VIII trazem o histórico de dois casos célebres. O primeiro trata dos estranhos eventos que ficaram conhecidos como “A Bruxa dos Bells”, e o segundo, sobre a fenomenologia ocorrida em Hydesville, em 1848, traz um levantamento sobre as controvérsias envolvendo as irmãs Fox.

O nono capítulo traz a questão de que os modelos teóricos atuais sobre o fenômeno *Poltergeist* estão mais voltados a utilizar-se e a apoiar teorias de outras áreas, como a Psicanálise e a Semiótica, que a entender o fenômeno em seus próprios termos.

O décimo capítulo faz uma discussão sobre o problema da percepção científica e uma desconstrução da idéia de que o método experimental é o método científico por excelência e apresenta uma visão de ciência rigorosa, mas que aceita outros tipos de metodologias, a serem escolhidas segundo a ontologia do sujeito ou objeto de pesquisa.

O décimo primeiro capítulo tenta propor um ensaio de classificação dos diferentes tipos de *Poltergeist*, seja quanto aos tipos de efeitos observados, seja quanto aos modos de ação do fenômeno.



O décimo segundo capítulo faz uma revisão conjunta das principais teorias explicativas contemporâneas propostas para a explicação da fenomenologia em estudo. Os autores dialogam com os diferentes referenciais teóricos, apresentando estudos de caso ao longo de seu texto, tornando-o mais vivo ao leitor.

Os capítulos décimo terceiro e décimo quarto são uma espécie de anexo, um pós-escrito, no qual se encontram dois casos pesquisados pessoalmente por Carlos Tinoco, bastante documentados, já publicados, mas divulgados anteriormente de forma restrita.

A parapsicologia no Brasil é uma ciência incipiente, marcada por iniciativas pontuais e por associações ou entidades para-acadêmicas, mais por uma articulação de pesquisadores de interesse comum sediados em diferentes universidades que por centros de pesquisa profissionais, como se vê na Europa e nos Estados Unidos. Este livro mantém aberto o diálogo entre aqueles que se interessam pela área, apresenta resultados de observações de campo e, mais importante, faz pensar por que um país que se desenvolveu tanto em matéria de ciência nos últimos anos, que reconhece inclusive a teologia como um campo do conhecimento, ainda exclui a parapsicologia da sua classificação oficial de ciência.<sup>1</sup>

Dr. Jäder dos Reis Sampaio  
Departamento de Psicologia da UFMG

---

<sup>1</sup> O autor da apresentação refere-se à classificação dos campos de conhecimento do Conselho Nacional de Pesquisa, CNPQ.

## PREFÁCIO

As relações entre a mente, ou consciência, e a realidade externa, estão ainda longe de serem realmente compreendidas. Se a física quântica ainda nos parece um desafio de entendimento, ainda mais difícil nos parece a relação entre mente, ou a consciência, e a matéria.

Pouco sabemos sobre a natureza da mente, ou sequer o que seja, de fato, *a mente*, embora, em contrapartida, muita coisa se saiba sobre a natureza do mundo material que compõe o mundo físico, dito “objetivo”. Mas, apesar da física saber que a matéria é formada de átomos e moléculas, estas de numerosas partículas subatômicas e estas, ainda, de outras modalidades ainda menores, chamadas *quarks*, onde a matéria se dissolve em complexos padrões de energia dispersos pelo espaço, nada sabemos do que possa estar abaixo do chamado limite de Planck e menos ainda sabemos o que é a consciência, esse ente cognitivo e volitivo que se debruça sobre esta realidade física.

As teorias mais conhecidas sobre a natureza da realidade física são a Mecânica Quântica e a Teoria da Relatividade (Geral e Especial). Ambas frutos da segunda Revolução Científica, no século XX, são, contudo, formalmente inconciliáveis em vários pontos, pois nasceram de pressupostos epistemológicos muito diferentes. A Teoria da Relatividade é, em essência, objetivista e monista. A Mecânica Quântica é descontínua e probabilística. Quando se tenta encaixar as duas, os resultados matemáticos

resultam em discontinuidades paradoxais inconciliáveis: as equações tendem a ir para o infinito. Tal estado de coisas apenas demonstra que nosso entendimento do que seja o Universo é apenas aproximado e relativo, um intelectual mapeamento construído a partir de conceitos e entendimentos mais ou menos em voga em determinada época.

Atualmente, a Teoria das Supercordas *M*, que pretende resumir outras cinco teorias anteriores, é a promessa mais destacada da física. Tal teoria concilia a Relatividade com a Mecânica Quântica e prepara o terreno para se caminhar em busca do sonhado Campo Unificado, ou seja, a teoria absoluta, capaz de unir todas as demais áreas e teorias da física em uma única. Mas isto tudo, por enquanto, ainda é apenas o começo. Em essência, estamos ainda muito longe de se chegar ao ideal grego de se construir um modelo matemático capaz de descrever a complexidade da matéria, da energia, do espaço e do tempo. E isso quando estamos apenas contemplando a questão do universo físico, não tocando na questão do que seja a vida e – no que é ainda mais complexo – do que seja a mente...

No Ocidente, a psicologia se encarregou de tentar explicar a mente ou, se tal se mostrou algo muito difícil para teóricos e pesquisadores de algumas escolas, ao menos como esta se expressa através do comportamento humano e animal. Em grego, conceitos como *mente* e *alma* são quase sinônimos, englobadas pela palavra *psiché*, origem dos termos Psicologia, psíquico, etc.

Várias são as escolas em psicologia que tentam explicar ou descrever o que seja a mente, mas todas pareceram ter problemas neste mister. Todas, para começar, avançam em graus variáveis no entendimento do que seja a *personalidade*. Assim como não podemos definir a matéria, que deixa de ser matéria para se tornar padrões de energia, não podemos definir perfeitamente o que seja a personalidade.

Ora, assim como em psicologia existem várias “teorias” sobre personalidade, existem também muitas “hipóteses explicativas” sobre o que seja o estranho e paradoxal fenômeno *Poltergeist*. Não sabemos o que é a mente, embora possamos ter várias hipóteses díspares e idéias intuitiva sobre a mesma, assim como não sabemos o que é o *Poltergeist*. De Freud a Abraham

Maslow, existem várias “teorias” sobre a personalidade, todas diferentes. Claro que a psicologia clínica tem avanços significativos. Mas, são avanços ainda pequenos. As milenares perguntas da filosofia, sejam de natureza ontológica, gnosiológica ou axiológica, continuam sem resposta: quem somos nós? Qual é a natureza da realidade física? O que é a vida? O que é o pensamento? O que é o conhecimento? Qual a relação entre a mente e a matéria? A resposta a todas estas questões cruciais, depois de mais de dois mil anos de inquérito, ainda é: não sabemos!

Quando vemos um objeto externo, um lápis, por exemplo, as qualidades que lhe atribuímos pertencem ao lápis em si ou à nossa mente que o percebe, classifica e discrimina segundo critérios mais ou menos sofisticados?

O termo *psicóide*, ou seja, aquilo que possui a tendência a se tornar psiquicamente percebido ou mesmo atuante objetivamente, foi primeiro usado por C.G. Jung (1875-1961), em relação aos arquétipos do inconsciente coletivo. Ele começou se referindo aos arquétipos como sendo de natureza psicóide, isto é, não pertencentes ao reino da psique nem tampouco à realidade física externa. Eles existiriam numa zona cinzenta, obscura, situada *entre* a psique e a matéria.

Stanislav Grof, no seu livro *Mente Holotrópica* (GROF, Stanislav & BENNET, H. Z. *A Mente Holotrópica*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, pp. 212-213), retoma o termo psicóide e o emprega em três sentidos:

1) Enquanto *sincronicidades*, onde as experiências internas estão sincronizadas com fatos do mundo externo;

2) Enquanto eventos do mundo externo, associados aos fatos do mundo interno. Aqui estão incluídos os *Poltergeists*;

3) Enquanto experiências psicóides onde a atividade mental é usada para manipular a realidade consensual. Isto inclui os estranhos eventos chamados parapsicológicos, como a psicocinésia, a ação dita efetiva das várias tradições xamânicas que usam a magia cerimonial, as curas paranormais (DMILS), as bruxarias produzidas por povos aborígenes e os poderes dos yogins, conhecidos por *siddhis*.

Ao que parece, os *Poltergeists* apontam no sentido da existência de um espectro contínuo que vai desde a psique até